

O COTIDIANO DO SUBÚRBIO CARIOCA NA OBRA O GALO DE OURO DE RACHEL DE QUEIROZ

Regma Maria dos Santos (UFG)¹

Mírian Costa Mesquita (UFG)²

O romance *O galo de ouro* foi publicado pela primeira vez em forma de folhetim na Revista *O Cruzeiro*, em 1950, em quarenta edições, e, somente em 1985, a obra foi publicada em um livro como romance. Neste romance, Rachel de Queiroz inova ao tratar do cotidiano carioca na Ilha do Governador. A autora deixa o sertão do Ceará, para falar do subúrbio carioca, mas sem deixar de abordar o cotidiano do “povo” e explicitar a condição humana.

O romance-folhetim *O Galo de Ouro* expõe cenas do cotidiano carioca numa perspectiva ficcional. Optamos por uma obra literária procurando, justamente, uma dimensão do cotidiano que, nem sempre, aparece em outras fontes. Em nosso objeto de pesquisa, está explícito o cotidiano carioca de pessoas humildes do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX. A partir dos personagens, compreendemos os hábitos, as relações sociais mais diversas, as crenças religiosas, e outros aspectos do cotidiano carioca pelo olhar de Rachel de Queiroz.

Neste artigo, abordaremos a obra *O Galo de Ouro* enfocando o cotidiano expresso nos rituais religiosos como o candomblé e as mães de santo; as crenças de duas das esposas que Mariano teve, sendo elas, Percília e Dona Loura; o “malandro” carioca, representado pelo namorado de Nazaré, o Zezé; e, principalmente, o jogo do bicho, que foi uma das mais importantes fontes de renda de Mariano.

Henri Lefebvre questiona sobre o cotidiano na literatura:

Não seria ela, exatamente, a entrada do cotidiano no pensamento e na consciência, pela via literária, ou seja, pela linguagem e pela escrita? Teria ela o aspecto estrondoso que assume para nós,

tantos anos depois do desaparecimento do autor, depois da publicação do livro, depois de contada a história? (1991, p. 07)

Ainda conforme este autor: “Todos os recursos da linguagem vão ser empregados para que se exprima a cotidianidade, com sua miséria e sua riqueza” (LEFEBVRE, 1991, p. 07). Ao lermos uma obra literária deparamo-nos sempre com o cotidiano. De acordo com Lefebvre, “o escritor o revela, desmascara, descobre. Ele mostra-se cada vez menos tolerável e muito pouco interessante; mas, ao mesmo tempo, torna-o interessante pela maneira de dizê-lo, de pô-lo em forma: pela escrita (literária)” (1991, p. 16).

Agnes Heller (1992) chama a atenção pelo lugar do homem na estrutura social da história da sociedade. É importante falar desse assunto, já que, o cotidiano é a história da vida dos homens, de seus feitos, hábitos, crenças e costumes. Heller faz um paralelo sobre a vida cotidiana como sendo a vida do homem, tentando mostrar que todos vivem o cotidiano:

A vida cotidiana é a vida de *todo* homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais ‘insubstancial’ que seja, que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente. [...] A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias (HELLER, 1992, p. 17).

A vida cotidiana reflete e é reflexo da realidade social. É uma acumulação de mesmas atividades, que sempre se repete, porém, também ocorrem transformações. Sobre isso, Priore (1997) indica que “aí localizado, temos uma esfera de ‘reprodução’, ou seja, de

repetição do existente, um espaço de práticas que regeneram formas, sem, contudo, modificá-las nem individualizá-las” (PRIORE, 1997, p. 260). Priore(1997) considera que este seria um lugar privado da História; e também um lugar de permanências culturais. Para Lefebvre “O cotidiano é o humilde e o sólido, aquilo que vai por si mesmo, aquilo cujas partes e fragmentos se encadeiam num emprego do tempo”. (1991, p. 31). Heller (1992) assim elabora sua concepção sobre o cotidiano:

A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e a significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação(1992, p. 18).

Para Priore (1997), o indivíduo que age na esfera da acumulação e do poder é um ator potencial da História. O indivíduo inserido na reprodução, não tem nenhuma ação, então, não participa do controle de mudanças sociais e, portanto, no movimento da História. “Assim, a oposição entre dois espaços portadores de historicidade e de rotineira cotidianidade recobre, de fato, a oposição entre ‘detentores’ e ‘excluídos’ da História” (PRIORE, 1997, p. 260).

A História do cotidiano propõe um novo olhar sobre o indivíduo, sobre suas ações e sobre o papel que este exerce na História. O cotidiano valoriza as ações individuais; valoriza as ações “corriqueiras” do dia-a-dia; o que acontece nas relações íntimas do indivíduo. Priore (1997) diz que “é no movimento de uma transformação profunda das relações sociais que a ‘vida cotidiana’ vai se redefinindo e tomando as formas e o conteúdo atuais” (1997, p. 261). Heller (1992) afirma que o homem é o principal ator da cotidianidade, mas não a sente em toda a sua intensidade: “O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos (...)” (HELLER, 1992, p. 17-18). De acordo com Heller (1992, p. 18):

O homem já nasce inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo *adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão*. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade (1992, p. 18).

O cotidiano, apesar de parecer permanente, uma repetição dos fatos, é o que acontece em um determinado dia e o que acontece todos os dias. Este fato corriqueiro pode também repetir-se numa perspectiva de longa duração. Porém, esse cotidiano muda de acordo com o tempo em que ocorre. O cotidiano tem a ver com o tempo presente. Guarinello (2004, s/p) aponta que “O presente que não é mera repetição do passado, mas um campo de restrições e possibilidades em aberto para projetos alternativos de futuro”.

O romance-folhetim , *O Galo de Ouro* trata de acontecimentos do dia-a-dia do subúrbio carioca na primeira metade do século XX e, para isso, Rachel de Queiroz utiliza situações da própria rotina vivida, mesmo que não seja propriamente da autora, mas das atividades cotidianas de uma maioria que vivia nos subúrbios cariocas.

É senso comum considerar que Rachel de Queiroz dava prioridade em seus livros e textos para falar sobre a seca e o nordeste. Mas, ao estudar a biografia e as obras da autora, percebemos que suas escrituras são de assuntos relacionados aos lugares por onde passou, por onde viveu e, situações pela qual a própria literata passou. É certo que a escritora sempre priorizou, em seus textos, a dura realidade dos pobres, dos que estão à margem da sociedade.

A romancista aborda, em suas obras, o social, o cotidiano dos locais e personagens sobre os quais faz uma análise e escreve suas obras. Rachel de Queiroz inovou ao falar do cotidiano carioca em *O Galo de Ouro*, e não do nordeste, mas acreditamos, aqui, que isto se deu, pelo motivo de a escritora sempre tratar, em seus textos, sobre os locais onde viveu, sobre o que e com quem conviveu. Quando Rachel de Queiroz escreve a obra *Galo de Ouro*, ela havia saído do nordeste e ido morar na cidade do

Rio de Janeiro, tendo escolhido, como local para viver, a Ilha do Governador.

A obra *O Galo de Ouro* tem como personagem principal Mariano, um homem amargurado que conta suas histórias de vida, tais como seus amores, suas decepções, suas conquistas, suas perdas, do trabalho, da deficiência, e de sua amargura em relação a tudo o que passou e, o principal: de não ser mais um jovem cheio de sonhos e esperanças.

Nesse romance-folhetim, em seu primeiro capítulo, percebemos a grande paixão de Mariano: Galos de briga. E ele tinha um preferido – o frango indiano. Mariano chega a desentender-se com a família por este galo estar fora de sua gaiola. Neste, e em outros relatos, percebemos como ele se mostra desgostoso com a vida que tem. O fato de não ser mais jovem, de não ter mais um emprego decente, de a vida não ter lhe dado o que ele sonhava, faz com que sua amargura tome conta da razão. Mariano, então, cansado de sua vida, relembra de sua juventude, o que faz com que ele se sinta um pouco melhor. Sobre a juventude, Lefebvre (1991, p. 182) afirma que:

A juventude é significada por meio de significantes que significaram outra coisa. Ela se torna sinônimo de alegria, de plenitude, de realização, porque autoriza o consumo dos signos dessas situações. A juventude afirma a alegria de ser jovem, de estar na e pela juventude, a qual existe socialmente, em virtude da juventude. Quanto aos que não estão colocados na órbita dessa juventude, que é que lhes resta? Resta-lhes simular essa juventude que simula a realização, a plenitude, a graça, a alegria, a totalidade. Desses redemoinhos multiplicados e reduzidos não poderia deixar de sair um vasto mal-estar, o sentimento mal discernível de uma frustração das satisfações, das compensações pelo imaginário, das fugas pelo sonho (1991, p. 182).

Mariano vivia com Dona Loura, sua antiga comadre, amiga de sua primeira esposa. Com eles, viviam os filhos do primeiro casamento de Dona Loura e os filhos dos dois casamentos anteriores de Mariano. Fora eles, tinham a cadela Bolinha, e

os galos de briga de Mariano, pelos quais, nutria uma enorme paixão. Principalmente pelo seu preferido, o seu galo “de ouro”. O galo causa uma briga em casa, o que traz a ele muita decepção e o faz lembrar de sua juvenilidade. Eis o que Mariano pensava:

Não, dantes não era assim. Com os anos de vida de pobre vai piorando, nunca melhorando. Rico, com o passar da idade, o menos que lhe acontece é aumentar os haveres. Se é funcionário público, tem as promoções e depois a aposentadoria. Se é comerciante, vende a loja, o botequim ou o escritório, depois que a conta de banco alcança um certo volume: passa então a não fazer mais nada, virou capitalista. Mas pobre é o contrário: sua marcha é só para trás. Homem novo, rompe os peitos no pesado, mas ganha bem, bota o seu terno bom, sapatos de sola grossa, chapéu de pelo lustroso. Dá-se à vadiagem, bebe cerveja, conhaque, entra em roda de jogo, frequenta uma sociedade, oferece corte de seda às raparigas, vidro de loção, anel e cordão de ouro. Lá um dia arranja mulher e casa – e então começa a marcha ré. Tudo que para ele sozinho chegava e dava de sobra vai ficando pouco e minguado. Primeiro é a moradia: no começo do casamento leva a noiva para seu quarto de solteiro, mandando embora o companheiro que ocupava a outra vaga e dividia as despesas. Mas nem isso chega, porque logo a mulher começa os entojos, e com criança pequena o quarto não comporta. Sai briga com a senhoria por causa dos fogareiros na cozinha. A mulher começa a fazer planos de ter uma cozinha só sua onde ninguém lhe esteja espiando as panelas, e ter seu galinheiro e o seu canteiro de couve (QUEIROZ, 1989, p. 09).

E tudo isso aconteceu mesmo a Mariano com sua primeira esposa, Percília. Na época em que a conheceu, ele trabalhava de garçom. Com o tempo passando, o namoro foi “esquentando” e Percília engravidou. Foram então morar num quarto onde Mariano vivia e, quando a menina, Georgina (Gina) nasceu e a vida tornou-se mais difícil. Uma amiga de Percília batizou a

menina, que era *médium*, requentadora de um centro espírita, assim como Percília. Vejamos:

Dia de São Jorge e na própria igreja do santo guerreiro, que foi seu padrinho, batizou-a. Chamou-se por isso Georgina. Serviu de madrinha uma amiga nova de Percília, moradora da Ilha do Governador e médium da tenda espírita que funcionava no salão de frente, no sobrado da Praça Onze (Onde Mariano e Percília moravam, numa casa daquelas antigas e grandes que alugam quartos, de uma portuguesa) Aquela tenda espírita dava, aliás, a impressão de que aos poucos tomava conta do sobrado inteiro. Mariano, para falar franco, não apreciava a vizinhança, não confessava a ninguém, mas tinha medo, aquele negócio de mexer com alma de quem morreu não era com ele. Percília, engraçado, gritava com medo de uma barata e seria capaz de passar uma noite inteira sentada na cama, tremendo com medo de ladrão; mas com os espíritos não se assustava (QUEIROZ, 1989, p. 14 e 15).

Percília frequentava os centros e ia descobrindo sua mediunidade. As mulheres tinham lugar de importância no candomblé, e precisavam ter diplomacia, inteligência e fé. Porém, essa tarefa é cheia de responsabilidades e sacrifícios. O candomblé é um culto dos orixás, de origem totêmica e familiar e se afigura como uma das religiões Afro-Brasileiras mais praticadas no Brasil. Rachel de Queiroz colocou nesta obra uma das práticas religiosas mais comuns nos subúrbios cariocas. Mariano morria de medo e de ciúmes das “entidades” com que Percília convivia.

Certas noites Percília voltava machucada, a cabeça doída de uma queda, com manchas roxas nos braços, dizendo que naquele dia o pessoal estava bravo. Mariano afastava os olhos daquelas marcas, provas materiais da presença real, das atividades assustadoras ‘deles’. Fugia de tocar na mulher enquanto ela mostrasse na pele o menor vestígio de intimidade com o outro mundo. Chegava a ter mesmo uma espécie intensa de ciúme –

não a achava mais sua, apenas, e tinha ciúme principalmente do guia dela, o tal caboclo Araribê. Perguntava a Percília como era ele – se usava tanga e flecha – e ela sorria, não sabia dizer nada, nunca o vira – não era médium vidente (QUEIROZ, 1989, p. 19).

Percília e Mariano foram convidados para irem à casa da comadre na Ilha do Governador. Na verdade, Percília tinha um intuito com esta visita: fazer com que Mariano comprasse um lote na Ilha. E durante o caminho de ida e a estada na casa da comadre, Percília insistia na ideia de que queria uma casinha só para eles. A comadre se chamava Dona Loura e tinha um marido que se chamava “Seu Zé Galego”. O defeito de Seu Zé Galego é que bebia muito, mas em outros quesitos, Dona Loura não tinha do que reclamar.

Percília e Dona Loura insistiram tanto que fizeram com que Mariano comprasse o lote. Aproveitaram, então, para conhecer o local. Eis como Rachel de Queiroz descreve o lugar:

O próprio Mariano, que viera ali apenas para satisfazer Percília, se encantou com a situação. Do lado do mar se avistava a baía numa extensão enorme, as montanhas de Teresópolis e o Dedo de Deus azulando bem longe, a água tranqüila emendando com as manchas verdes do mangue cheio de garças. Do lado de terra, o chão se ondulava em pequenos morros cobertos de verde, sem árvore e sem casas, como um gramado (QUEIROZ, 1989, p. 24).

Na barca, durante a volta do passeio, Percília estava muito feliz e fazendo vários planos. Mariano só escutava com alegria. Porém, aconteceu um desastre:

À saída das borboletas da Cantareira, mal tinha deixado o passeio e posto pé no asfalto, aconteceu o desastre. O automóvel fez a curva a toda velocidade e bateu em cheio nos dois, principalmente em Percília. Mariano, com a menina agarrada ao peito, levou uma grande pancada

e rolou desacordado para a sarjeta. Percília, coitadinha, as duas rodas lhe passaram por cima do corpo. E o pequeno colar imitação de pérola que ela trazia ao pescoço rompeu-se e espalhou as contas pó todo o asfalto em redor (QUEIROZ, 1989, p. 30).

Quando comadre Loura fica sabendo do ocorrido vai ao hospital e diz que se responsabilizará pela menina Gina. Mariano permanece no hospital por três meses e, durante esse tempo, dona Loura sempre o ia visitar com Gina. Quando sai do hospital volta ao trabalho de garçom, porém, não consegue trabalhar com o braço que ficou defeituoso. Mariano se vê perdido, sem a esposa, com uma deficiência no braço direito, o qual precisava tanto para o trabalho de garçom e para a filha sob os seus cuidados. Mariano acaba perdendo o emprego de garçom e se sente um inválido. Sente pena e preconceito de si mesmo, teme ainda que as pessoas sintam o mesmo preconceito por ele. Heller (1992, p. 43) mostra-nos que o preconceito tem sua relação com o cotidiano:

O preconceito é a categoria do pensamento e do comportamento cotidianos. Os preconceitos sempre desempenharam uma função importante também em esferas que, por sua universalidade, encontram-se acima da cotidianidade; mas não procedem essencialmente dessas esferas, nem aumentam sua eficácia; ao contrário, não só a diminuem como obstaculizam o aproveitamento das possibilidades que elas comportam. Quem não se liberta de seus preconceitos, [...] acaba fracassando, inclusive pessoalmente. [...] O pensamento cotidiano implica também em comportamento (1992, p. 43).

Mariano permanece um tempo desempregado. Magro e pálido, acaba conseguindo um bico como bicheiro. Vejamos:

Aos poucos, a bem dizer sem se sentir, pegou a trabalhar para o bicheiro que fazia ponto na charutaria. De começo passava as listas, tomava

jogo de um ou outro, quando o velho Jamil – que assim chamavam o bicheiro – se afastava um momento. Recebia uma comissão que a princípio não era lá essas coisas. Mas o velho foi descobrindo que Mariano tinha nascido para aquela profissão: se antes, na vida, só fizera bater cabeça com bobagem, agora tomava outro rumo. A freguesia lhe vinha às mãos sem que ele quase fizesse esforço. [...] Com pouco, ganhava o bastante para a casa e a comida – parecia um sonho. Não tardou, deu para fazer um ponto num dos bancos da Praça da República, que nenhum colega tivera ainda a idéia de ocupar. Porque há vinte e tantos anos atrás jogo-de-bicho não estava desenvolvido como hoje, nem havia entre os bicheiros a concorrência de agora, quando se arma até guerra e tiroteio entre eles, feito bandido de cinema. Naquele tempo dava para cada um tirar o seu e, se não corria o dinheirão que hoje corre, também não se enfrentava risco de atualmente (QUEIROZ, 1989, p. 41 e 42).

Mariano acabou sendo preso por causa de seu emprego de bicheiro. Quando sai da cadeia, procura o seu chefe, que lhe entrega uma boa quantia em dinheiro e o manda sumir por uns tempos. Mariano decide, então, ir para a casa da comadre Loura. Ela e o marido Zé Galego foram muito hospitaleiros. Começa, então, a cuidar de seu terreno por influência da comadre Loura. Nesse tempo que passou na casa da comadre, percebeu que aquele local, a Ilha do Governador, era um lugar de gente muito pobre.

Via agora que, na Ilha, o pobre de certo modo era mais pobre. Morava em casa de chão batido, e Mariano toda a sua vida pisara em chão de soalho ou cimentado, [...] na Ilha os telhados eram de sapé ou telha-vã e o costume de Mariano eram os forros de madeira pintada, ou pelo menos o teto formado pelo soalho do andar de cima. Andava-se de calção e tamanco, e Mariano jamais tirara o pé do sapato, desde que se entendia por homem. Sem falar em gravata e paletó, obrigados

pela profissão, quer quando garçom, quer mais tarde quando bicheiro. Descobria agora que isso tudo era mais uma sujeição do que uma vantagem. Quer dizer alguma coisa uma gravata no pescoço de um homem? (QUEIROZ, 1989, p. 55 e 56).

Ao ter que se esconder durante uns tempos, ficou na Ilha do Governador. Nesse momento seu patrão lhe deu uma boa quantia em dinheiro. O jogo do bicho era muito perseguido, os policiais não davam brechas. Havia os corruptos, que queriam diariamente uma quantia em dinheiro para deixar os bicheiros ficarem em seus pontos. Mas, quando os bicheiros não eram conhecidos, eram presos. Este foi o caso de Mariano. Muito pouco se tem escrito sobre o tema jogo do bicho. Os poucos trabalhos acadêmicos que tratam o assunto se preocupam mais em dar ênfase no que a "elite" pensa sobre esse jogo:

Nesse discurso, essas instituições sempre aparecem como provas de ignorância e expressão de nossa perene tendência para a corrupção e o crime, como sinais de 'atraso cultural' e sintomas de uma recalcitrante 'falsa consciência', essas marcas indelévels de ausência civilizatória e debilidade política e social (DA MATTA e SOÁRES, 1999, p. 21 -2).

Observamos que a preocupação da "elite cultural" em eliminar as práticas da cultura popular fez com que o jogo do bicho fosse perseguido. No entanto, esse jogo era amado pelo povo. De acordo com Roberto da Matta e Elena Soares (1999, p.23), "(...) o jogo do bicho tem tido enorme continuidade, constituindo, por isso mesmo, fontes de referência cruciais para o esboço ou o desenho acabado da identidade brasileira". O jogo do bicho "(...) desabusadamente relaciona números, animais, coisas, sentimentos e pessoas por meio de um elaborado sistema de palpites" (DA MATTA e SOÁRES, 1999, p. 28).

[...] o jogo do bicho opera com uma lista finita de algarismos, impondo um limite arbitrário na lista interminável de dígitos. Escolhendo numerais que vão de 1 a 25, esta loteria reduz [...] um conjunto

infinito a um quadro constante e finito. Esses algarismos são usados como referências exclusivas e como unidades englobadas de outros números, sendo divisores de 100 dezenas, 1.000 centenas e 10.000 milhares. O resultado é um elaborado e engenhoso sistema de classificação que engendra uma hierarquia de números. Nela, o número 1 está associado ao avestruz e também aos algarismos 01, 02, 03 e 04. O 2, da águia, representa as dezenas 05, 06, 07 e 08; o 3, do burro, engloba os números 09, 10, 11 e 12, até chegarmos à vaca, que representa as dezenas 97, 98, 99 e 100. No jogo do bicho, portanto, os números representam a si mesmos e também englobam e simbolizam – perdendo sua mera função prática, impessoal e objetiva – outros números, formando uma hierarquia na qual os 25 ‘algarismos de referência’ [...] têm, tal como ocorre na sociedade, ‘números clientes’ ou ‘subordinados’ a eles referidos. Isso permite múltiplas escolhas e combinações, podendo-se jogar tanto no número 11, do cavalo, quanto nas dezenas 41, 42, 43, 44, que formam a ‘rede de clientela’ correspondente a esse bicho-algarismo (DA MATTA e SOÁRES, 1999, p. 41 e 42).

No jogo do bicho o sonho produz o palpíte. Outro detalhe interessante neste jogo é a crença na honestidade do bicheiro. A única comprovação do jogo é apenas o que foi marcado em um pedaço de papel. Se realmente ganharem, quem garante que o bicheiro vai pagar o apostador? Sobre isso, Da Matta e Soares (1999, p. 54) declaram:

Se é um sonho que produz o palpíte, garantindo a esperança do ganho e conformando a natureza da aposta, é a crença na honestidade do bicheiro que assegura a realização das apostas, o que permite dinamizar praticamente todo o sistema simbólico. Uma dimensão não existe sem a outra, pois o que é a rede do jogo de bicho senão um sistema de captação e pagamento de prêmios com a mesma volubilidade e invisibilidade social dos sonhos e outras fontes de palpíte? Se os elos

entre o jogador e os bichos são permeados por sentimentos de intimidade, eles se concretizam no instante da aposta, quando são mediatizados por um sistema fundado na honra dos bicheiros. Esses são os 'banqueiros' acessíveis e populares do mundo diário, que mantêm com o apostador um elo relativamente transitório, mas definido por profunda lealdade e plena confiança, porque ambos compartilham um mesmo sistema de crenças. [...] Entre o banqueiro e o apostador cria-se um laço de alta densidade moral, similar ao que o jogador tem com seu bicho íntimo, doméstico ou favorito – o bicho que é o objeto de suas esperanças (1999, p. 54).

Adiante, no tempo em que ficou na Ilha do Governador, Mariano conhece Nazaré e se encanta com sua beleza.

Estaria Nazaré, por esse tempo, nos seus dezessete anos. Era alta, cheia de corpo, a cor do rosto fechada mas cabelo liso. Falava com uma voz meio rouca, parecia voz de criança com febre. Cortava o cabelo na altura dos ombros, pintava as unhas com esmalte cor-de-rosa e os lábios de vermelho vivo. Pó-de-arroz não lhe empanava o moreno-escuro do rosto, e o vestido era tão curto que lhe descobria a curva dos joelhos. Gostava de dançar, de namorar, de passear no Rio. Costumava tomar pela manhã a barca do Galeão, e só voltava às tantas da noite (QUEIROZ, 1989, p. 57 e 58).

Mas Nazaré era fogo! Em seus passeios que desesperavam a mãe, dizia que estava com "sua amiga" Zezé, porém, realmente saía com o amigo por quem estava apaixonada. Este era um malandro que vivia de trambiques e não tinha onde "cair morto. Em um episódio, a mãe da moça ficou esperando na barca e, ao ver Nazaré, começou a pedir satisfações, recebendo de volta uma gama de más respostas:

A velha se punha então a dizer nome feio, a lamentar a morte do marido, a ameaçar Nazaré com uma boa surra de corda. Durante todo o

caminho do Galeão até em casa – que era bastante longe, num lugar por nome Bacurubu – iam naquela peleja, a velha chorando, descompondo, se lamentando, fazendo ameaças, e a moça respondendo mal, caminhando depressa na frente para não ouvir o que a mãe dizia, pensando no namorado que realmente se chamava Zezé, em vez da amiga imaginária, recordando as horas passadas no cinema de programa enorme, o sorvete que também haviam tomado. E a viagem de volta na barca, ainda na companhia dele, e o aconchego em que tinham vindo, muito agarrados no banco, Zezé lhe prometendo vestido novo de seda e sapato ‘pé-de-anjo’, que era então rigor da moda, até jóia prometendo. Contando grandeza, como era costume dele. Afinal acabava não lhe dando nada: mal tinha com que pagar o cineminha poeira da Rua Larga, o sorvete de casquinha; às vezes, até, lhe pedia emprestado, dizendo que não trazia troco miúdo consigo. Era malandro mesmo, com isso Nazaré não se enganava (QUEIROZ, 1989, p. 58).

O famoso “malandro” carioca, tal qual Zezé, é visto como alguém muito esperto e com uma lábria sedutora, com capacidade de aplicar vários golpes em “otários”. Fazer uma reflexão sobre a figura do malandro, em que o indivíduo consagrado como malandro revela a sua identidade do subúrbio é uma “[...] reviravolta [...] de valores instituídos e códigos de conduta do sistema social pressupõe a vigência desse mesmo sistema [...]”. (MATOS, 1982, p. 64). De acordo com Cláudia Matos (1982, p. 65), o malandro é um indivíduo que cria um personagem para si: “O malandro enquanto caricatura do burguês representa metaforicamente a fantasia do oprimido ao mesmo tempo que o conflito social do qual ele provém” (MATOS, 1982, 65).

Mariano, mesmo com o encantamento de Nazaré por Zezé, tenta conquistar a moça e a chama para sair. No começo, ela se faz de difícil, mas depois cede aos encantos dos presentes que Mariano podia lhe dar, pois ser bicheiro lhe rendia um bom dinheiro. Assim, Mariano consegue ir conquistando Nazaré com presentes e a levando em lugares onde o outro namorado não a

levava. Nazaré era uma moça ambiciosa e seu grande amor Zezé não lhe dava nada, apenas lhe prometia presentes, mas nunca o cumpria. Ela fica, então, dividida entre os dois e Mariano faz de tudo para conseguir a moça, tendo suas vantagens por ganhar bem como bicheiro.

Zezé, por sua vez, sentindo que estava “perdendo terreno”, procura Nazaré e lhe dá uma jóia de presente. Essa foi a chance de Mariano para tirá-lo do seu caminho. A jóia era roubada e, como bicheiro, Mariano já conhecia vários policiais e conseguiu armar um plano para pegarem Zezé, contando onde estava o anel. Tentando escapar da polícia, Zezé acaba morrendo e, com isso, Nazaré se entrega a Mariano. A mãe de Nazaré procura Mariano tentando forçá-lo ao casamento, pois afirmava que ele havia desonrado sua filha. Ele fica muito nervoso e se nega a casar, porém, Dona Loura, dá vários conselhos, conseguindo dissuadir Mariano, que decide construir seu barraco e casar-se com Nazaré.

No começo era tudo “às mil maravilhas”. Nazaré cuidava bem da casa e da filha de Mariano. As brigas eram raras, porém, Nazaré nunca perdera o gosto por passear. Nesse tempo, Mariano ganhou seu primeiro galo de briga. Nasceram então os dois primeiros filhos dessa relação: Maria Aparecida e Gustavo. Os negócios de Mariano já não estavam tão bem, tendo principiado uma guerra entre os bicheiros, causada pela polícia, além de ter aumentado o número de bicheiros na cidade, o que dificultaria segurar um bom ponto. Mariano, então, começa a recorrer às brigas de galo e também vender “bugigangas” como mascate, porém, esse negócio não deu certo. Mariano segue a trabalhar na charutaria do velho Jamil, mas o fato é que não ganhava muito bem.

Neste meio tempo, o marido de Dona Loura, Seu Zé Galego, falece, e Mariano passa a tomar conta dos negócios da família e de tudo o que o falecido havia deixado para a esposa. Pouco tempo depois, Nazaré dá à luz o terceiro filho, José, a quem passou a chamar carinhosamente de Zeca. Mariano não gostava do apelido, parecia se lembrar do antigo namorado da esposa, o tal Zezé, e se enchia de ciúmes.

Depois de Mariano ter perdido o emprego como bicheiro as coisas mudaram. Nazaré, inconformada com a situação do

marido, começa a brigar com Mariano, com os filhos e com quem se intrometesse em sua vida. Gostava de vida boa, de se vestir bem, de se arrumar e passear, malgrado Mariano não ter mais condições de lhe dar isso. Nazaré começou a ter um caso com um homem que tinha um bote, e sempre ia passear com ele na praia quando Mariano não estava. Em uma briga, a filha Maria Augusta conta a história ao pai. Mariano bate muito em Nazaré, em seguida, saindo revoltado e desnorteado. Ao voltar, se dá conta de que sua esposa já o havia deixado, fugindo com o homem do bote, a deixar para trás até mesmo os seus filhos. Mariano se viu humilhado, enganado. Os filhos, os vizinhos sabiam, menos ele.

[...] pessoas nascem, vivem e morrem. Vivem bem ou mal. É no cotidiano que eles ganham ou deixam de ganhar sua vida, num duplo sentido: não sobreviver ou sobreviver, apenas sobreviver ou viver plenamente. É no cotidiano que se tem prazer ou se sofre. (LEFEBVRE, 1991, p. 27).

Mariano sente-se humilhado com o ocorrido, e aproxima-se da comadre e amiga Dona Loura, que há algum tempo já se encontrava viúva. Os dois decidem juntar os “trapos” e os filhos, a formarem uma nova família. Eles acreditavam que, por se conheciam de longa data, e ele já tomar conta dos negócios da família, a união tenderia a dar certo. Vejamos:

Naquela tarde e naquela noite comadre Loura e ele combinaram a vida – se estavam sós no mundo, com aquela porção de crianças nas costas, não era melhor se juntarem de vez? Se ele já cuidava do que era dela, se ele só tinha a ela quem pedir socorro (Gina ainda era criança demais para assumir o encargo dos irmãos), para que ficar cada um na sua casa, como fora a princípio a idéia de Dona Loura? Ela nas Pixunas com três filhos, e ele com os seus quatro no Dendê...E o dinheiro para manter as duas famílias? A herança de Seu Zé Galego não aumentava, diminuía mês em mês (QUEIROZ, 1989, p. 209).

Com vários anos passados, a única alegria de Mariano, depois de tantas decepções, eram os seus galos e as brigas de galos das quais participava. O episódio, já anteriormente citado, de o galo de ouro estar fora da gaiola quando Mariano retorna do trabalho, revela o sentimento de desrespeito de sua família por ele. É interessante comentar que o galo é um símbolo que aparece em diversas tradições culturais e religiosas. Na maioria delas o sentido de sua existência é anunciar, através do seu canto, a renovação do dia pela chegada do sol. Este também pode ser o sentido dado por Mariano aos galos em sua vida. Vencer as lutas cotidianas e reinaugurar-se a cada dia.

Mariano tornou-se amargurado, depois de tantas coisas vividas, dos acontecimentos trágicos, tristes e humilhantes de sua vida. Fatos que certamente ocorreram com vários homens que viviam na Ilha do Governador, os quais foram tão bem construídos, como personagens, por Rachel de Queiroz.

O extraordinário do cotidiano era a cotidianidade finalmente revelada: a decepção, o desencanto. O amor-paixão é pouco diferente do amor sem paixão que exaspera tanto a falta quanto a ausência que, supostamente, ela deveria suprir e de onde ela provém. [...] Sem a paixão, a voz neutra do autor dita a paixão, suas ilusões, sua falsidade. Impossível sair do cotidiano. As personagens que o pretendem não conseguem. Esposos e amantes são igualmente frustrados, logrados, uns no cotidiano, outros no não-cotidiano; o ciclo do logro e da frustração gira desde o tempo de que se tem a memória [...] (LEFEBVRE, 1991, p. 15).

Como podemos perceber, a vida de Mariano retrata a vida de muitos outros. Afora os acontecimentos da vida privada do personagem principal da obra, o contexto indica a realidade do subúrbio carioca da década de 1950: um Rio de Janeiro que se expandia, ao passo que as pessoas de baixa-renda eram obrigadas a morarem em subúrbios distantes do centro da cidade, que estava cada vez mais lotada e sem espaço. Este era o mundo dos bicheiros, dos pais e mães de santo, como era o caso de Dona Loura e de Percília e os terreiros que freqüentavam; malandros cariocas, policiais, resumindo, o submundo carioca.

A cidade se define (entre outras determinações) como a leitura de um texto social, de um compêndio que materializa uma sociedade e que foi legado pelas gerações, tendo cada uma anexado as suas páginas. A cidade é também, o lugar de uma palavra que se sobrepõe à leitura da coisa escrita, que interpreta, comenta, contesta (LEFEBVRE, 1991, p. 187 -8).

Apreendemos, pois, que na narrativa construída por Rachel de Queiroz, as práticas cotidianas das pessoas simples do subúrbio carioca revelam um modo de vida que se materializa na luta constante do personagem contra as adversidades que enfrenta. Advindas de todas as esferas, sociais, políticas, afetivas, estas adversidades constroem o enredo da vida do personagem e nos apresentam outro lado da cidade do Rio de Janeiro, como se o observássemos, não a partir de suas largas avenidas e suas praias deslumbrantes, mas a partir dos seus quintais.

Referências:

BURKE, Peter. *Varietades de História Cultural*. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *O que é história cultural?* Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DA MATTA, Roberto e SOÁRES, Elena. *Águias, burros e borboletas: um estudo antropológico do jogo do bicho*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FILHOS DO CANDOMBLÉ. Disponível em <<http://filhosdocandomble.wordpress.com/maes-de-santo/>>. Acesso em 22 de janeiro de 2008.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 1992.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Editora Ática, 1991

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

PRIORE, Mary Del. "História do Cotidiano e da Vida Privada". In: CARDOSO, CIRO F. e VAINFAS, RONALDO. (orgs). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

QUEIROZ, Rachel de. *O galo de ouro*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1989.

QUEIROZ, Maria Luíza de, e QUEIROZ, Rachel. *Tantos Anos*. São Paulo: Editora Arx. 2004.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales :A inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetins no Brasil*. São Paulo: Ed. Duas Cidades, 1994.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história*. São Paulo: Campus, 2002. Goiânia, Agosto de 2007.

RESUMO

Neste artigo abordaremos a obra *O Galo de Ouro* escrito por Rachel de Queiroz, na primeira metade do século XX, enfocando o cotidiano expresso nos rituais religiosos como o candomblé; na concepção do "malandro" carioca, representado por um dos personagens do romance e, o jogo do bicho, que foi uma importante fonte de renda para pessoas humildes do subúrbio carioca. Partimos do conceito de cotidiano para expressar a

possibilidade do uso da literatura como fonte para construção do conhecimento histórico.

Palavras-chave: Rachel de Queiroz, cotidiano, literatura, história.

ABSTRACT

In this article we will cover the work *O Galo de Ouro* written by Rachel de Queiroz in the first half of the twentieth century focusing on the daily expressed in religious rituals like Candomblé, the design of the "malandro" carioca, represented by one of the novel's characters, and the "game the animal", which was an important source of income for people humble suburban Rio. We start from the concept of everyday life to express the possibility of the use of literature as a source for the construction of historical knowledge.

Keywords: Rachel de Queiroz, everyday, literature, history

NOTAS

.....
¹ Professora Associada do Departamento de História e Ciências Sociais da UFG/CAC. Graduada em História pela UFU; Mestre em História pela PUC-SP; Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Pós-doutorado em Educação (UFU-MG/ UAB-ES). Professora dos programas de Mestrado em História da UFU; Mestrado Profissional em História (UFG/CAC); Mestrado em Teoria Literária UFU.

² Aluna do Curso de Especialização em História (UFG/CAC). Graduada em História pela UFG/CAC. Participou do PIBIC/CNPq com pesquisa sobre a obra de Rachel de Queiroz.